

**Brasil**



**SERRA:** “Não há país democrático sem imprensa livre”

dor”. Se Dilma está sendo sincera em suas afirmações, não se sabe. Mas a ela, que nunca teve a oportunidade de exercer um cargo eletivo, cabe o benefício da dúvida. Já em relação a certos representantes do alto petismo restam apenas certezas, incluindo a de que, em um eventual governo Dilma, o partido insistirá na estratégia autoritária.

O principal defensor desse projeto é Franklin Martins, ex-sequestrador, ex-jornalista e atual ministro da Comunicação Social de Lula. Franklin é o idealizador da estratégia de consumir o dinheiro público na compra do apoio — disfarçado de anúncio publicitário — de pequenos jornais, rádios do interior, revistas e blogs de alcance semelhante. Caso Dilma vença, seu próximo projeto será cuidar da reforma do arcabouço jurídico que regula o funcionamento das TVs abertas e fechadas, das rádios, dos provedores de internet e das empresas de telecomunicações no Brasil. Franklin pretende criar uma superagência reguladora para o setor. Ela seria responsável pelos aspectos técnicos do setor, mas também — e aqui mora o perigo — teria ascendência sobre os “conteúdos” que ele produz. Eis o pensamento vivo e franco do ministro a respeito do assunto: “Achem que regulação é um atentado à democracia, mas é o contrário: é parte da garantia de competição, de igualdade de direitos, da capacidade de inovação, da massificação dos serviços e do direito da sociedade à informação”, embaralha.

Recentemente, Franklin Martins foi autorizado por Lula a viajar para a Europa, tão logo acabem as eleições, para convidar para um seminário representantes de instituições reguladoras da comunicação social da Inglaterra e da Bélgica. Não que o ministro deseje ouvir a opinião de alguém. Ele apenas espera que a presença de representantes de outros países legitime a conferência que tentará, mais uma vez, aprovar o velho programa petista de controle da mídia. O contrapeso à corrente de Franklin dentro do partido é liderado pelo ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci, coordenador da campanha de Dilma. Em 2002, ele fez parte da campanha de Lula e foi o fiador da estabilidade econômica no governo. Espera-se que, em um eventual novo governo petista, seja também um fiador da estabilidade democrática.

Ao contrário do que Lula e seu partido querem fazer crer, a liberdade de imprensa não constitui um fim em si mesmo nem visa a preservar a liberdade de expressão para jornalistas ou proprietários de empresas de comunicação. A liberdade de imprensa vai além disso: é um meio para garantir a perpetuação das sociedades livres e democráticas. E não por outra razão é quase sempre a primeira vítima das tiranias de todas as colorações.

**A ACUSAÇÃO DOS KIRCHNER**  
Os grupos Clarín e La Nación foram cúmplices da ditadura em crimes contra a família Graiver, que, amedrontada, lhes vendeu a papelreira Papel Prensa por um preço vil

# MUDEM



CELSO JUNIOR/AF

## “Superior stabat lupus...”

Como na fábula do romano Fedro (15 a.C. –50 d.C.), em que o lobo bebe no regato acima do cordeiro, mas mesmo assim acusa sua presa de sujar

a água, a mentira dos Kirchner para acusar os donos do Clarín e do La Nación só funciona se a linha do tempo for invertida

\* “O lobo estava rio acima”

**1975**

**Setembro**

Para lavarem dinheiro proveniente de sequestro, terroristas montoneros, de esquerda, depositaram 17 milhões de dólares no banco de David Graiver, financista e sócio majoritário da Papel Prensa